

Palestra do Guia Pathwork® n° 148

Palestra não editada

2 de dezembro de 1966

POSITIVIDADE E NEGATIVIDADE: UMA ÚNICA CORRENTE DE ENERGIA

Saudações, meus queridíssimos amigos. Que as bênçãos da Inteligência Criativa, que existem ao seu redor e dentro de vocês, os fortaleçam e iluminem, de modo que estas palavras encontrem eco e sirvam de material para a continuidade bem-sucedida de seu caminho em direção a encontrar seu eu real.

Estas palestras são sempre direcionadas e destinadas à maioria dos meus amigos que trabalham neste caminho. Não obstante, aqueles entre vocês que ainda não tiverem atingido o ponto em que possam aplicar o tópico que está sendo discutido o acharão útil e serão ajudados indiretamente para que atinjam esse ponto um pouco mais cedo do que o fariam de outra maneira. Quando ouvirem estas palestras e não puderem aplicá-las imediatamente ou mesmo compreendê-las, não se sintam desestimulados. Saibam que o seu caminho os trará para a posição exata que estou discutindo aqui.

A maioria dos meus amigos já encontrou uma camada dentro de si mesmos onde estão face a face com a sua destrutividade. Muitos de vocês já estão conscientes disso. E me refiro a mais do que a descoberta de uma mera emoção, o reconhecimento de uma hostilidade momentânea, por exemplo. Refiro-me a uma destrutividade geral, difusa, essencial, persistente que estava dormente todo o tempo e meramente encoberta. Trata-se de uma experiência bastante diferente dar-se conta dessa camada, senti-la, bem como à condição em que estavam antes que isso acontecesse. Agora vocês estão em um estado em que podem observar-se pensando, sentindo e agindo destrutivamente enquanto, anteriormente, na melhor das hipóteses estavam apenas teoricamente cientes disso e podiam meramente supor sua presença pelas manifestações desagradáveis em sua vida. Agora estão lidando com o problema de como sair dessa condição. Vocês ficam perplexos porque não gostam disso. Até sabem e compreendem bastante profundamente que é totalmente inútil e sem sentido, que a destrutividade não serve a nenhum propósito bom. No entanto, encontram-se nessa situação de serem incapazes de abrir mão dessa destrutividade. Para conseguir fazer isso, é necessário compreender a natureza da destrutividade muito melhor do que vocês compreendem. Este será o tópico principal da palestra desta noite. Não é fácil conscientizarem-se quando veem-se pensando, sentindo e agindo destrutivamente, quando ainda por cima estão cientes do fato de que isso lhes causa infelicidade, mas são totalmente incapazes e estão totalmente indispostos a abrir mão desse modo de ser. Eu poderia dizer que estar consciente é uma excelente medida de sucesso, se é que esta palavra pode ser usada. Mas para que se deem conta da segunda parte desta fase específica de sua evolução, a natureza da destrutividade precisa ser mais bem compreendida. Como de costume, isso requer algumas repetições, sem as quais o tópico não estaria completo.

Todo o problema de um conceito dualista da vida tem muito a ver com a falta de compreensão da destrutividade no homem. A humanidade tende a pensar em uma força destrutiva como sendo o oposto de uma força construtiva. Mesmo aqueles entre vocês que teoricamente sabem muito bem que tal divisão não existe tendem a pensar: “Aqui estão meus sentimentos negativos. Eu gostava

ria de ter sentimentos positivos em vez deles.” Ou vocês acham que depois que as emoções negativas forem dissipadas, um novo conjunto de sentimentos se seguirá, como se esse novo conjunto de sentimentos consistisse em uma energia ou material psíquico completamente diferente. Quando o homem fala das duas forças, dos dois conjuntos de sentimentos, trata-se de uma figura de linguagem, um modo de expressar dois tipos diferentes de experiências. Contudo, essa figura de linguagem é uma expressão da concepção errônea dualística que opera na consciência do homem.

Na verdade, existe apenas um poder. É muito importante que se entenda isso, meus amigos, especialmente quando vocês começam a lidar com a própria destrutividade, sua negatividade. Existe uma única força vital que energiza cada expressão de vida. A mesma força vital pode fluir de maneira construtiva, positiva, afirmativa, ou pode se transformar em uma corrente destrutiva de negação. A fim de compreender esse processo de maneira específica e pessoal, eu o discutirei do ponto de vista do homem em relação à sua vida. Não discorrerei sobre princípios espirituais em geral aqui, mas somente os abordarei quando for necessário compreender o tópico como um todo.

Primeiro, repetirei que a força vital, como tal, quando não adulterada, é totalmente construtiva, totalmente boa, totalmente positiva e afirmativa. Portanto, produz prazer total para qualquer ser vivo que tenha percepção da consciência. Quanto mais completamente essa consciência estiver desenvolvida, mais pleno será o prazer que poderá vivenciar a partir e através da pura força vital, qualquer que seja a forma como ela se expresse. A pura força vital não pode ser outra coisa senão beleza.

Todo organismo vivo tende a concretizar essa potencialidade na natureza – um recém-nascido, uma planta, uma célula. Quando esse fluxo natural sofre interferência, a corrente de energia que busca expressão é bloqueada e proibida de fluir até seu destino. O fluxo natural é interrompido pelas condições. Podem ser condições externas ou internas, ou ambas. Quando a criança pequena encontra no ambiente exterior as condições que proíbem o fluxo natural, a extensão do dano depende de quão isenta está de bloqueios internos. Se houver bloqueios internos e estiverem dormentes por não terem sido eliminados em existências anteriores, as condições negativas exteriores criam um grave bloqueio, congelando a corrente de energia que flui e petrificando-a em uma massa psíquica enrijecida. Quando não houver nenhum bloqueio anterior, as condições negativas exteriores criarão apenas um distúrbio temporário no fluxo da força vital. Os problemas persistentes do homem na vida resultam dessa energia bloqueada. O desbloqueio pode ocorrer somente quando a relação entre as condições negativas interiores e exteriores responsáveis for completamente compreendida. As faculdades imaturas do ego da criança impossibilitam lidar adequadamente com a condição negativa. A condição negativa externa pode, portanto, nunca ser totalmente responsável pela condensação de energia, pela paralisia do fluxo de vida. Pode ser somente o fator ativador final, que traz à tona a condição interna negativa dormente.

O ponto em que as condições negativas externas ativam a condição negativa interna dormente é aquele em que a força vital positiva se transforma em uma força inanimada e destrutiva. Os sentimentos passam de amor para medo e hostilidade, de confiança para desconfiança e assim por diante. E, por fim, como já sabem da última palestra, o poder negativo torna-se tão insuportável que é completamente entorpecido.

Quando um ser humano se encontra em tal caminho, é muito importante compreender especificamente que a emoção negativa não pode ser substituída por uma emoção positiva diferente. Ela precisa ser reconvertida ao seu estado original. Mas como fazemos isso, meus amigos? Cada indivíduo precisa encontrar a maneira de reverter esse fluxo de energia ao seu estado original.

Cada manifestação de vida por que passam que seja desagradável, desgostosa, problemática, angustiante é o resultado de uma repetição – em que, originalmente nesta vida, a força prazerosa positiva foi bloqueada, impedida, proibida e, portanto, transformou-se em desprazer.

Agora, nesse desprazer, não se pode afirmar com precisão que o prazer esteja totalmente ausente. Mencionei isso anteriormente em um contexto diferente, mas ainda não está suficientemente compreendido e, portanto, voltei ao assunto e o discuto a partir de um novo ângulo. Quando vocês se encontram bloqueados em sua tentativa de superar a negatividade, é extremamente importante pressentir, nas profundezas de seu ser, o aspecto prazeroso envolvido nessa negatividade, independentemente de quanta dor existe na consciência superficial. Logicamente, a dificuldade de se livrar da destrutividade se deve também a outros motivos que vocês já verificaram – o desejo de punir ou a corrente de força em que a negatividade e a destrutividade com frequência consistem. A ideia é: “Se eu for suficientemente infeliz, provarei quão errado o mundo está em não me dar o que quero.” Mas esses motivos não representam a dificuldade mais profunda para se despojar da negatividade. É necessário detectar, primeiro intuitivamente e depois sentir muito especificamente, que existe uma dicotomia entre prazer e desprazer simultâneos com relação à sua negatividade.

Isso é muito compreensível quando se observa o processo em termos da minha explicação. O princípio do prazer não pode, de modo algum, estar completamente ausente nesta distorção. Seus ingredientes básicos devem sempre permanecer, independentemente da intensidade da distorção e, conseqüentemente, de quão difícil é detectar a natureza original da corrente vital. É exatamente por isso que parece tão difícil se desfazer da negatividade. Sempre existe o aspecto prazeroso dela. Quando se compreende que somente a forma de expressão precisa ser mudada, de modo que a corrente de vida idêntica se reconverta, pode-se desfazer da negatividade. Quando se entende que seus aspectos dolorosos podem ser abandonados enquanto os aspectos prazerosos se intensificam, a negatividade pode se transformar. Quando fica entendido que um novo conjunto de emoções não virá do nada, mas que a mesma corrente se manifesta de maneira diferente, o que parece difícil ocorrerá por si só. Quando vocês meditarem sobre isso, será possível para vocês se conscientizarem do prazer associado à sua destrutividade. Em vez de sentirem-se culpados com relação a esse prazer e, conseqüentemente, reprimi-lo, vocês estarão em posição de permitir que a corrente se desenvolva, se expresse e reconverta a si própria. O próprio apego ou conexão entre prazer e destrutividade foi instrumental no sentimento de culpa generalizado que a humanidade tem com relação a todas as experiências de prazer. Isso, por sua vez, é responsável pelo entorpecimento de todos os sentimentos, pois como o prazer pode ser liberado da destrutividade se ambos são considerados igualmente errados? E ainda assim, em segredo, o homem não pode viver sem prazer, já que vida e prazer são a mesma coisa. Quando o prazer está vinculado à destrutividade, não é possível abrir mão desta. Seria como abrir mão da vida. Isso gera uma situação em que, em um nível de sua vida interior, o homem se agarra igualmente ao prazer e à destrutividade, sentindo-se culpado e temeroso com relação a ambos. Em um nível mais consciente, fica entorpecido e sente pouco ou não sente nada.

Não é suficiente saber disso em termos gerais. É preciso trazê-lo para suas circunstâncias específicas. Qual é a manifestação externa que no momento lhes causa uma angústia contínua, não uma experiência momentânea causada por uma condição pontual que então se dissolve quando surgem novas condições, mas, em vez disso, os problemas em suas vidas com os quais não conseguem se conciliar? A fim de verdadeiramente resolverem essas condições (a que chamamos imagens e que recriam condições novas e semelhantes indefinidamente), a energia bloqueada e paralisada precisa ser tornada fluida novamente. E isso pode acontecer somente quando vocês começarem, como primeiro passo nesta fase específica de seu desenvolvimento, a darem-se conta do aspecto prazeroso

em sua destrutividade. Precisam sentir o prazer conectado ao desprazer do problema. Esta precisa ser uma percepção nítida.

Porque a corrente de prazer na força vital se manifesta principalmente na vida do homem como o que nos referimos como “sexualidade”, a energia destrutiva bloqueada contém energia sexual bloqueada. Por conseguinte, os problemas exteriores devem ser simbólicos ou representativos de como a energia sexual foi interrompida pela primeira vez por condições externas. A dor dessa interrupção causou destrutividade, que ao mesmo tempo contém aspectos do princípio do prazer. Portanto, cada situação difícil na vida representa uma fixação sexual na psique mais profunda, à qual o homem teme e da qual foge. Porque ele não as enfrenta e vivencia, as condições externas se tornam insolúveis. Tornam-se cada vez mais alienadas de sua causa interior, onde ainda é vivificada pelo aspecto do prazer.

Vocês que estão neste caminho devem, portanto, voltar-se para dentro, por assim dizer, e permitir-se sentir o prazer da destrutividade. Então, e somente então, compreenderão verdadeiramente a dolorosa situação externa que, à primeira vista, pode não ter nada a ver com sua vida emocional ou com quaisquer problemas sexuais. Mencionei com frequência que nas fantasias sexuais mais secretas do homem residem os segredos destes conflitos, bem como a chave para a sua solução. Quando encontrarem o paralelo entre o problema externo e a corrente de prazer em sua sexualidade, serão capazes de tornar a energia congelada fluida novamente. Isso lhes permitirá dissolver a negatividade, a destrutividade e isso, é claro, é essencial à eliminação do problema externo.

A inabilidade de sentirem o prazer no desprazer é o resultado de sua luta contra si mesmos e de não gostarem de si mesmos devido a essa distorção em especial. Consequentemente, existe negação, repressão e mais alienação com relação ao núcleo, onde essas condições podem ser vivenciadas e gradualmente alteradas.

Cada problema deve ter um núcleo desses, onde a corrente original foi bloqueada e está, portanto, distorcida e onde a dicotomia entre prazer e desprazer produz uma fixação inconsciente do princípio do prazer. Então, luta-se contra isso com frequência por inúmeros motivos, com a consequência adicional de que os problemas externos começam a se formar e a se repetirem e repetirem. Não podem ser superados até que esse núcleo seja vivenciado. Isso se aplica a todos os problemas persistentes, independentemente de parecerem ou não ter alguma coisa a ver com a sexualidade.

Agora, meus amigos, essa reação em cadeia que acabo de explicar precisa ser compreendida e trabalhada pessoalmente. Vocês devem parar de fugir dessa distorção em si mesmos. Precisam permitir-se vê-la, deixar que se aclare dentro de vocês, que habite dentro de vocês. E então verão a dicotomia entre prazer e desprazer. Compreenderão e vivenciarão por que e como a destrutividade, em qualquer forma ou modo como se manifeste em sua vida, parece tão difícil de abandonar. Ao mesmo tempo, ela se desatará muito mais do que antes, quando vocês tentavam extraí-la a força, sem esta compreensão.

Tudo isso pode soar muito teórico para uma pessoa que ainda esteja distante deste ponto, mas muitos de meus amigos estão muito próximos ou já estão no ponto em que estas palavras podem ser usadas e postas em ação, submetidas ao reconhecimento. Esse será um momento crítico tal em sua vida interior e, consequentemente, em sua vida exterior, que não será mais problema abandonar a destrutividade. Pois não se pode obter êxito forçando com a vontade superficial, sem uma profunda compreensão das forças interiores que compõem essa própria destrutividade. Sim, em

princípio, é lógico que a vontade deve estar presente, mas ao mesmo tempo, como já disse em tantos outros contextos, a vontade externa deve ser usada somente para o fim de liberar os poderes interiores que transformam o desenvolvimento em um processo natural, orgânico e harmônico. Assim, a destrutividade se dissolve. Ela não é deliberadamente abandonada, como a um manto, nem sentimentos construtivos são produzidos por um ato semelhante da vontade. Trata-se de um processo evolucionário em seu interior, bem aqui e agora.

Outra área em que o homem se encontra extremamente bloqueado, impedido e impaciente com sua própria evolução ou desenvolvimento é em conexão com a inveja. Esse tópico é muito mais importante do que a maioria de vocês se dá conta. Aqui novamente, alguns de meus amigos começaram a ver que onde quer que sua vida esteja problemática, existe a inveja. Onde não existe problema, estão livres dela. Mais uma vez, essa inveja leva à autodepreciação e à fuga do ponto nessa inveja que precisa ser transcendido para que se possa real e verdadeiramente sair da corrente de inveja e reconvertê-la em sua natureza original.

O que causa a inveja é, aqui também, o conceito dualista, que expressa a vida em termos de ou isso ou aquilo. “Eu tenho ou o outro tem” é a natureza de toda a inveja. Isso implica a limitação com que o homem vivencia o universo. O universo é infinito em sua abundância e o real conhecimento disso torna a inveja impossível. Pois o que a outra pessoa tem não é tirado de vocês. O que vocês têm nunca foi tirado de outra pessoa. Esse mito apresenta inúmeros problemas. Não apenas cria inveja, mas também culpa. Paralisa o poderoso fluxo relaxado de mover-se em direção do bem que pode ser seu. Torna-os muito hesitantes para expressarem e vivenciarem o melhor que é possível. Faz com que vejam os problemas de forma distorcida. Produz culpa por quererem e, ao mesmo tempo, inveja do que os outros têm.

Essa percepção distorcida das condições na vida também é responsável por uma atitude competitiva em geral que aflige a humanidade. Ela se manifesta de forma especialmente forte em algumas civilizações em certos períodos de sua história. Compreender a verdade torna impossível a uma pessoa comparar-se com outra. A comparação entre duas pessoas é totalmente infundada; mede dois fatores que não podem ser medidos. Uma tensão específica é removida da pessoa que não se deixa mais flagrar nesse erro. Quando vocês compreendem o princípio unitivo, que o bem nunca é divisível, vários problemas são eliminados. Vocês não sentirão inveja e, portanto, não sentirão culpa. Tampouco enfrentarão a aparente necessidade de renunciar em favor de outro alguém porque saberão em seu âmago que o que é seu é seu e o que é da outra pessoa é dela. Exatamente esse fato tornará impossível o egoísmo e a desonestidade que existe na natureza infantil, onde a tendência a trapacear a vida prevalece. Vocês não precisarão tentar escapar impunes de nada. Nem precisarão ser especiais em termos de compararem-se com outros quando realmente compreenderem o princípio.

Na última sessão de perguntas e respostas, discutimos este tópico em conexão com uma pergunta sobre o dano causado pelo desejo ou necessidade de ser especial. Em conexão com o tópico desta palestra, digo que essa necessidade se deve à confusão da tendência legítima a promover à plena autorrealização com a necessidade interna disso. Qual é a confusão aqui? A plena autorrealização sempre acentua a singularidade do indivíduo. Ela não nivela a individualidade, nem implica por pouco que seja em mediocridade – pelo contrário. Por que então se acredita que não precisar ser especial significa ausência de individualidade ou até mesmo mediocridade? A resposta é esta. Quando a necessidade de ser especial contém uma desejo de triunfar sobre os outros, implica uma atitude de estar contra os outros. Implica que o aperfeiçoamento de si próprio pode existir somente às custas dos outros. Esta é a exclusão do ou isto ou aquilo resultante do conceito errôneo de dualidade,

que não tem como não ser destrutivo. Na verdade, destrói o valor do outro, pelo menos em desejo e intenção, senão de fato. A consequência adicional é que o processo profundamente arraigado de autorregulação da consciência diz não a esse empenho e interrompe a corrente de energia expansiva. Essa corrente então se torna negativa ou entorpecida. Isso significa que o homem é passivo, paralisado e se refreia, ou é implacável, com as inevitáveis culpa e consequências externas.

A verdade e a solução para essa confusão podem ser encontradas apenas quando vocês fizerem a distinção entre duas maneiras totalmente diferentes de medirem ou avaliarem ou, digamos até, entre duas metas totalmente diferentes. Quando vocês desejam ser especiais a fim de triunfar sobre os outros, quando sua singularidade existe às custas dos outros e se mede em comparação com os outros, essa singularidade é destrutiva e deve levar a inúmeros problemas. Mas quando perceberem que seu caráter especial, sem se compararem com os outros, pode ser liberado, não terão problema algum. Estarão livres para desbloquear e desenvolver o melhor em si mesmos, sem infringir os direitos ou necessidades de outras pessoas. Pelo contrário, seu melhor contribuirá para os outros em vez de tirar deles, e vocês expressarão esse melhor sem a necessidade de trapacear, de fazer um mínimo de esforço, de receber mais do que dão. A liberdade do poder ativará mais poder. Não haverá necessidade de acionar os freios. Inveja, culpa, desonestidade e depreciação dos outros criam a necessidade de frear a corrente de poder expansiva mais construtiva que se tem. Quando o homem ignora o fato de que tem em si as possibilidades de autorrealização, a única maneira que pode conceber de se expressar é medindo-se e comparando-se com os outros. Quando sabe disso, independentemente de ser melhor ou pior do que os outros, tem sua própria cota a cumprir com relação a si mesmo, não tendo nenhum conflito com relação a esse assunto. Logicamente, vocês devem expressar seu melhor, mas se de alguma forma, independentemente de quão secretamente, seu melhor for programado para subjugar os outros ou para escaparem impunes com privilégios especiais injustos, para obterem algo a troco de nada, vocês entrarão em apuros. Então a individualidade não poderá se desenvolver porque ego, vaidade e crueldade terão lugar. Isso cria automaticamente obstáculos ao poder positivo em ação e o converte em um poder destrutivo.

Quando vocês sentirem inveja ou, o outro lado da mesma moeda, a necessidade de impressionarem os outros ou serem melhores que eles, tentem sentir o poder construtivo por trás dessa necessidade. Pois essa necessidade é somente uma distorção da ânsia inata de materializar o melhor em vocês. Quando fizerem isso, vocês não ficarão mais bloqueados e paralisados.

Há alguma pergunta?

PERGUNTA: O que torna a percepção do prazer tão singular e específica em relação ao desprazer?

RESPOSTA: Essa é uma pergunta muito importante e a resposta pode não parecer direta, mas é. É sabido que o homem teme o prazer quando ainda está cheio de conflitos e problemas cuja natureza não compreende. Qualquer um neste caminho que se aprofunde o suficiente para examinar suas reações descobre este fato surpreendente – tem mais medo do prazer do que da dor. Aquele que não confirmou esse fato em si mesmo pode achar isso inacreditável, porque conscientemente se ressentido do desprazer e deseja que ele desapareça. E até certo ponto, isso é verdade, já que o desprazer não pode ser realmente desejado. O homem não consegue se livrar dessa dicotomia quando não se aprofunda o suficiente para sentir o prazer no desprazer em seus processos psíquicos. O prazer total é temido por um motivo muito importante. O prazer supremo da corrente de energia cósmica deve parecer insuportável, excessivo, amedrontador, quase aniquilador quando a personalidade ainda

está voltada para a negatividade e a destrutividade. Em outras palavras, na medida em que a personalidade prejudicou sua integridade, na medida em que essa impureza, desonestidade, trapaça e má intenção existem na psique, o prazer puro precisa ser rejeitado, de modo que a dor do princípio do prazer negativo é a única maneira como a entidade pode vivenciar uma quantidade módica de prazer. Quando vocês, em seu caminho, descobrirem que nas profundezas de seu ser temem o prazer como a um perigo, devem se perguntar: “Onde não sou honesto com a vida, comigo mesmo? Onde trapaceio? Onde comprometo minha integridade?” Esse é exatamente o ponto, o motivo e o grau em que o prazer puro precisa ser rejeitado. Também explica por que a destrutividade é contida quando o homem constata em si mesmo que é ele que teme e rejeita o prazer. Em vez de ser privado dele pela vida, ele pode fazer algo fazendo-se as perguntas pertinentes e, subsequentemente, encontrando os elementos da debilitação em si mesmo. Essa é a saída. Quando descobre onde viola seu senso de decência e honestidade, pode destrancar a porta que o mantém em um princípio de prazer negativo e que o força a rejeitar o prazer que seja isento de dor.

PERGUNTA: Você definiria o prazer como expansão e a dor como contração?

RESPOSTA: Sim, isso é bastante verdadeiro. A dor é uma contração, no mesmo sentido que uma câimbra. Mas também existe contração no prazer puro – só que em um movimento rítmico suave, de maneira harmoniosa. O desprazer é uma contração estendida, prolongada, parecida com uma câimbra.

PERGUNTA: O modo como vivencio o medo do prazer é vivenciando um medo de me perder no prazer. É a isso que você se refere?

RESPOSTA: Sim, é a exatamente isso que me refiro. Isso pode ser explicado quando você pensa sobre isso em termos de confiança. Quando, consciente ou inconscientemente, percebe em seu âmago seus pequenos mecanismos ocultos de não ser franco com o processo da vida, quando sua resposta à vida é negativa de alguma forma e, conseqüentemente, seu senso de integridade fica prejudicado, não pode confiar em si mesmo. Nem pode confiar em si mesmo quando foge do núcleo de seu princípio de prazer negativo, conforme explicado nesta palestra. Ele precisa ser aceito – compreendido e suportado internamente em total autoaceitação até que você possa confiar em si mesmo a ponto de deixar de se defender. Como eu disse com frequência, seu eu mais profundo, suas próprias energias psíquicas e as energias vitais são uma única e mesma substância. Não há como confiar em si mesmo sem confiar na vida. Não há como desconfiar de si mesmo. Se desconfiar de si mesmo por qualquer motivo, certo ou errado, como pode se perder em si mesmo e na vida? É preciso que haja confiança, e essa confiança é, em princípio, absolutamente justificável. Mas na prática, em manifestações específicas, com frequência não se justifica. A total autoaceitação precisa ser estabelecida para que a confiança possa existir. Então não haverá nenhum medo de se perder porque ela será vivenciada como trazendo-o de volta para si mesmo mais rico do que nunca.

PERGUNTA: O princípio da dor e do prazer são característicos desta esfera terrestre?

RESPOSTA: É característico desta esfera terrestre, mas isso não significa meramente os seres incarnados. Significa todos os que estão nesse estado específico de consciência, estejam eles incarnados ou fora do corpo. Aplica-se a todos aqueles cuja consciência está voltada ao conceito de dualismo, que não conseguem perceber o caráter conciliador e unificador da criação, da vida, de si mesmos. Em todos esses casos, prazer e dor devem existir como opostos. Como disse no início

desta palestra, as forças boas e ruins, prazer e dor, são concebidas como duas forças separadas, e não como uma única corrente de energia.

PERGUNTA: Parece-me quando faço algo de que não gosto, cuja intenção seja convidar a raiva, a culpa ou a inveja, que tenho alguém a quem responsabilizo por eu ser como sou. Esta é uma observação válida? E o que devo fazer a respeito?

RESPOSTA: Mesmo que parte da culpa seja posta na soleira da porta da outra pessoa como uma situação parcialmente verdadeira – e esse costuma ser o caso com seres humanos são – deve haver algo em você que você ignora e que o incomoda pois, caso contrário, não poderia haver um problema ou um sentimento desarmonioso em você. Seria relativamente fácil aceitar as deficiências e falhas da outra pessoa. Caso contrário, não estaria envolvido em situações em que essas falhas não podem senão afetar negativamente a eu. Portanto, o próprio fato de tais perturbações aponta para elementos desconhecidos que precisam ser esclarecidos, para que se possam eliminar os sentimentos destrutivos. Assim, essa raiva é essencialmente dirigida contra o eu. Você pode estar com raiva por que está com raiva e não pode aceitar essa emoção em si mesmo. Pode estar com raiva porque não consegue aceitar um aspecto semelhante ou correspondente em si mesmo. Ou seja, aquilo que o irrita no outro pode existir de maneira ligeiramente diferente em você mesmo. Em poucas palavras, deve-se fazer a pergunta: “O que em mim produziu essa situação? Como sou cocriador desta situação? De que maneira contribuo para ela?”

Mais uma vez, o conceito dualista de vida atrapalha e confunde. Caso se tente solucionar tal problema com a atitude de atribuir a culpa a si mesmo ou a outra pessoa, não existirá uma solução. Nenhuma dessas duas alternativas satisfaz, já que a avaliação precisaria ser fora de propósito ou superficial. A verdadeira iluminação pode vir somente quando a interação inconsciente, como o problema interior de uma pessoa afeta o problema interior da outra, é vista como círculos viciosos interativos. Quando você realmente se dá conta de que a situação deve ser uma coprodução, pode começar a fazer sérios avanços na direção certa.

A segunda coisa que tenho a dizer aqui é a seguinte. Com frequência, a pessoa não encontra a resposta porque procura a causa de maneira limitada ou moralista. A maneira como ela pode contribuir para a situação pode ser totalmente diferente daquela com relação à qual se sente defensiva. Por exemplo, uma pessoa tenta exonerar-se porque sente uma maldade em si mesma. Na verdade, sua contribuição pode não ser em nada má ou ignóbil. Pode ser, em vez disso, que ela subestime seu valor, seus direitos, sua pessoa como um todo. Ela pode ser fraca, submissa, não ser assertiva o suficiente e, assim, incentivar uma situação negativa de um modo muito diferente daquele do qual vagamente se defende em si mesma. Essa fraqueza é, logicamente, sempre resultado de algum distúrbio da psique em um nível profundo e não pode evitar de criar negatividade e destrutividade, mas a maneira de eliminá-la não é afastando os sentimentos destrutivos à força. Isso não pode ser bem-sucedido. É preciso trabalhar em um nível muito profundo com esses problemas. Com frequência, fraqueza é confundida com bondade, e força com brutalidade ou egoísmo. Nessas confusões, o homem não encontra a maneira de solucionar o problema e obter clareza.

Portanto, sugiro uma meditação que chegue até as profundezas do eu e diga: “Quero realmente ver onde possivelmente violo alguma lei espiritual, onde estou errado no sentido habitual da palavra, mas também quero saber onde sou fraco e confuso e, por causa disso, surgem emoções negativas. Onde será que talvez eu não esteja ciente dos meus valores e, devido a essa falta de consciência, lute da maneira errada? Eu gostaria de ver esses elementos e endireitá-los. Quero ver ambos

esses aspectos.” E, geralmente, eles interagem, não sendo elementos desconexos. A falta de autoafirmação em um nível pode induzir a um excesso de assertividade irada na superfície. Quando a meditação é direcionada para esses canais, uma nova visão pode surgir – uma visão que até agora estava bloqueada.

Que seu entendimento possa crescer, de modo que vocês percebam suas próprias distorções e como essas distorções representam uma energia vital valiosa que pode ser ativada da maneira específica que mostrei aqui.

Sejam abençoados, cada um de vocês, recebam a força e o poder que flui para o seu interior. Tirem proveito deles, percorram este caminho até o núcleo de seu próprio ser interior. Estejam em Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.